

BOTAFALA: COMPONDO A CANÇÃO “DESCOLONIZAÇÃO (DER LEONE HAVE SEPT CABEÇAS)”

Eugenio da Silva Evandeco ¹, Marcos Carvalho Lopes ²

RESUMO

O botAfala é um projeto de extensão e pesquisa que usa o hip-hop como linguagem para compor uma educação democrática, ou seja, que procure desenvolver uma perspectiva de recontextualização, valorizando os contextos e as práticas de conhecimento locais. Este projeto é desenvolvido no Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sem São Francisco do Conde na Bahia, espaço de grande riqueza cultural que se articula com encruzilhada de neste sentido procurando, com isso, a construção de uma perspectiva de conhecimento mais voltado para a descolonização e igualdade dos saberes. Neste sentido, o presente trabalho visa descrever o processo de composição da canção “descolonização (Der leone have sept cabeças)” em que o grupo procurou dialogar, se apropriar e redescrever um fragmento do filme Der leone have sept cabeças (1970) dirigido pelo cineasta baiano Glauber Rocha. Neste filme, gravado no Congo em um momento em que o processo de descolonização ainda se desenvolvia como conflito armado na África Lusófona, Glauber Rocha já desenvolvia críticas ao neocolonialismo advindo da adoção de modelos de desenvolvimento e modos de vida que premiariam uma elite indulgente - a burguesia local - em detrimento do povo. Na canção, os estudantes revisitam e recontextualizam a crítica de Rocha, tomando a palavra como parte do Sul global, mais especificamente como vozes dos países africanos, que problematizam sua relação com o Norte global, o intervencionismo e a máscara humanitária, a exploração com verniz de desenvolvimento, a desvalorização dos modos de vida e práticas locais (vestimentas, organização social, cultural) e o fator racial. Na descrição do processo de composição, incorporamos uma perspectiva civilizacional africana que faz parte da cultura do hip-hop, a cultura do remix, na qual a autoria deixa de fazer sentido ou de ser o fator principal para dar lugar a aproximação ou interação entre comunidade (construção de solidariedade).

Palavras-chave:

Bota a fala. Descolonização. Cultura do Remix. Africar. Hip-Hop.

¹ UNILAB, Instituto de humanidades e letras, Discente, e-mail: eugeniodasilvaevandeco@outlook.com

² UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, e-mail: marcosclopes@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O botAfala é um projeto de extensão e pesquisa que usa o hip-hop como linguagem para compor uma educação democrática, ou seja, que procure desenvolver uma perspectiva de recontextualização, valorizando os contextos e as práticas de conhecimento locais. Este projeto é desenvolvido no Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, em São Francisco do Conde na Bahia, espaço de grande riqueza cultural que se articula com encruzilhada de neste sentido procurando, com isso, a construção de uma perspectiva de conhecimento mais voltado para a descolonização e igualdade dos saberes. Neste sentido, o presente trabalho visa descrever o processo de composição da canção “descolonização (Der leone have sept cabeças)” em que o grupo procurou dialogar, se apropriar e redescrever um fragmento do filme Der leone have sept cabeças (1970) dirigido pelo cineasta baiano Glauber Rocha. Neste filme, gravado no Congo em um momento em que o processo de descolonização ainda se desenvolvia como conflito armado na África Lusófona, Glauber Rocha já desenvolvia críticas ao neocolonialismo advindo da adoção de modelos de desenvolvimento e modos de vida que premiariam uma elite indulgente - a burguesia local - em detrimento do povo. Na canção, os estudantes revisitam e recontextualizam a crítica de Rocha, tomando a palavra como parte do Sul global, mais especificamente como vozes dos países africanos, que problematizam sua relação com o Norte global, o intervencionismo e a máscara humanitária, a exploração com verniz de desenvolvimento, a desvalorização dos modos de vida e práticas locais (vestimentas, organização social, cultural) e o fator racial. Na descrição do processo de composição, incorporamos uma perspectiva civilizacional africana que faz parte da cultura do hip-hop, a cultura do remix, na qual a autoria deixa de fazer sentido ou de ser o fator principal para dar lugar a aproximação ou interação entre comunidade (construção de solidariedade).

METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa de revisão bibliográfica que segue o procedimento de recontextualização e redescritção de acordo com a perspectiva poética -pragmatista de Richard Rorty (1997), Cornel West e Richard Shusterman (como já aplicadas no livro botAfala: Ocupando a Casa Grande). O projeto se articula como uma pesquisa educacional baseada em artes, ou seja, não separa o conhecimento do processo dialógico de construção e performance artística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bota a fala é o nome de um projeto de extensão - e também de pesquisa -, que usa o hip-hop como ferramenta pedagógica para uma educação mais democrática (LOPES, 2019, p. 51). O projeto surgiu da iniciativa de dois estudantes bissauguinenses, Magnusson da Costa (Magno TWD) e Suleimane Alfa Bá (o S_many) ambos estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Porém, desde o seu regimento até ao momento atual, o BotAfala teve (ao menos) três fazes: a primeira (Janeiro de 2015) com Magno (Magnusson da Costa), S_many (Suleimane Alfa Bá), Lauro (Lauro José Cardoso), Tânia Brasiguís (Tânia Correia Jalo) e Dito Buah Sd (João Dito); (2) a segunda com Magnusson da Costa, Suleimane Alfa Bá, Lauro José Cardoso, Rô Gilberto Gomes Cá, Kadija Turé e Victor Cassamá; (3) a terceira, a partir do segundo semestre de 2017, com Magnusson da Costa, Suleimane Alfa Bá, Lauro José Cardoso, Eugênio da Silva Evandeco, Juciane Aparecida e Patrícia Nzalé (LOPES, 2019, p. 21).

O BotAfala procura dar voz e “debater questões raciais, questionar estereótipos de gênero, pensar as relações entre educação estética e autocriação ética, valorizando os múltiplos letramentos potencializados pelo hip-hop” (LOPES, 2019, p. 57). Neste sentido, das inúmeras composições, a canção “descolonização (Der leone have sept cabeças)” surgiu dessa perspectiva, de questionar estereótipos, dando assim início a uma agenda de descolonização.

Como mostrado nos tópicos acima, a canção foi fruto de uma análise crítica ao filme de Glauber Rocha “Der leone have sept cabeças” (1970). O autor faz uma crítica ao colonialismo e ao imperialismo em África, uma denúncia do neocolonialismo advindo da adoção de modelos de desenvolvimento e modos de vida que premiariam uma elite indulgente – a burguesia local – em detrimento do povo. Durante a canção é notória a recontextualização à crítica de Rocha, tomando a palavra como parte do Sul global, mais especificamente como vozes dos países africanos, que problematizam sua relação com o Norte global, o intervencionismo e a máscara humanitária, a exploração com verniz de desenvolvimento, a desvalorização dos modos de vida e práticas locais (vestimentas, organização social, cultural) e o fator racial.

O olhar crítico ao filme de Glauber Rocha e a consequente composição da canção “descolonização (Der leone have sept cabeças)” dialogando e redescrevendo um dos fragmentos do filme *Der leone have sept cabeças* (1970), transmitindo ou fazendo passar a ideia principal do autor, levou o grupo a repensar e questionar as novas formas de organização social do Sul global e problematizando sua relação com o Norte global que transmite uma continuidade com o sistema colonial europeu revestido dos mesmos interesses (exploração e submissão), mas com formas de atuações diferentes, ou seja, a neocolonização, em que existe uma aproximação com o norte global, porém, não mais aos moldes do período das ocupações. Entendeu-se também que existe uma via de mão dupla nesta relação a partir do momento que se evidencia cada vez mais um enriquecimento da elite nacional desses países, histórico e socialmente oprimidos, em detrimento do povo.

CONCLUSÕES

A composição da canção “descolonização (Der leone have sept cabeças)”, a partir de um dos fragmentos do filme *Der leone have sept cabeças* (1970), gerou um resultado artístico que dialoga com os discursos acadêmicos, recontextualiza suas formulações numa formulação que pode alcançar mais pessoas dentro e fora da comunidade acadêmica. A letra de desta canção também abriga diversas vozes, na medida em que cada um dos que cantam escreveram abordam o fenômeno de uma perspectiva distinta. Este aspecto de polifonia, não reduz os múltiplos discursos a uma verdade convergente, mas se coloca criticamente contra a ideia de que os padrões estéticos, religiosos, econômicos e políticos impostos pelos países e grupos hegemônicos, deveriam ser abraçados com gratidão pelos povos que querem se civilizar. No lugar de um “muito obrigado” a canção questiona o pressuposto de convergência e nesse sentido redescreve a multiplicidade que está presente no título e na narrativa do filme de Glauber Rocha.

AGRADECIMENTOS

PIBIC UNILAB/CNPq; professor Doutor Marcos Carvalho Lopes

REFERÊNCIAS

- LOPES, Marcos Carvalho. BotAfala: ocupando a casa grande. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. 241p.
- RORTY, Richard. “Investigação enquanto recontextualização: uma avaliação antidualista da interpretação”. *Objetivismo, relativismo e verdade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 137-138.
- VIANA, Irma. Política, colonização e revolução em O Leão de sete cabeças. In: *Dossiê: Diversidad cultural en América Latina*. Civitas, Porto Alegre, 2017, p. 324-344.

